

Uma relação trans: História, Linguística e seus fazeres

Arthur Marques de Oliveira¹

RESUMO

Acompanhada da Filosofia e da Linguagem, a História é um dos principais campos do conhecimento que permite visualizar as mudanças do passado, compreender a configuração do presente e incitar possíveis desdobramentos sobre a evolução da sociedade do futuro; tudo isso também a partir de acontecimentos da linguagem humana. No entanto, assim como a Linguagem e a Filosofia, a História tem um conteúdo subjetivo, sendo composta de muitas possibilidades no que se refere à aproximação de/com outras áreas. Partindo disso, o objetivo deste texto é discutir algumas questões acerca do fazer da História em relação à Linguística. As questões que foram levantadas e que serão respondidas ao longo do trabalho são: i) Qual a relação entre História e Linguística?; ii) O que significa fazer História da Linguística (HL)?; iii) O que significa fazer História das Ideias Linguísticas (HIL)?; e iv) Qual a relação entre HL e HIL?.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia da Linguística; História das Ideias Linguísticas; Linguagem

ABSTRACT

Along with Philosophy and Language, History is one of the main fields of knowledge that allows visualizing the changes of the past,

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG Letras) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), arthur_marques@outlook.com. Gostaria de agradecer a Juliana Marschal Ramos pela leitura atenta e Andrei Marcelo da Rosa pela indicação de bibliografia.

understanding the configuration of the present and inciting possible developments on the evolution of the society of the future; all this also from the events of human language. However, like Language and Philosophy, History has a subjective content, being composed of many possibilities regarding the approach of/with other areas. Based on this, the objective of this text is to discuss some questions about the making of History in relation to Linguistics. The questions that were raised and that will be answered throughout the work are: i) What is the relationship between History and Linguistics?; ii) What does it mean to do History of Linguistics (HL)?; iii) What does it mean to do History of Linguistic Ideas (HLI)?; and iv) What is the relationship between HL and HLI?.

KEYWORDS: Historiography of Linguistics; History of Linguistic Ideas; Language.

"A linguagem é bem outra coisa, ela não revela do mundo físico; ela não é nem do contínuo, nem do idêntico, mas bem ao contrário, do descontínuo e dissemelhante. É por isso que ela não se deixa dividir, mas decompor;"
(Émile Benveniste)

"História é, em seus fundamentos, a ciência da mudança. Sabe e ensina que é impossível encontrar dois eventos que são exatamente iguais, porque as condições das quais elas nascem nunca são idênticas."
(Marc Bloch)

PALAVRAS INICIAIS

Nas disciplinas de graduação e/ou pós-graduação dos cursos de Letras nas universidades do Brasil, são comumente feitas arguições acerca da importância de autores e suas ideias na história para o estabelecimento do campo que é intitulado de Estudos da Linguagem. Nesse sentido, o presente texto surgiu de alguns questionamentos feitos em uma disciplina de pós-graduação — afinal, fazer História das Ideias Linguísticas e fazer História da Linguística são movimentos e reflexões diferentes que podem (ou não) se aproximar. Com isso, este texto concentra-se em responder e levantar ideias com base nas seguintes perguntas: i) Qual a relação entre História e

Linguística?; ii) O que significa fazer História da Linguística (HL)?; iii) O que significa fazer História das Ideias Linguísticas (HIL)?; e iv) Qual a relação entre HL e HIL? Busca-se responder esses questionamentos através de autores como Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), Sylvain Auroux (1989, 1992, 2007) e da autora Eni Orlandi (2001), além de outros pertinentemente alocados na composição deste texto.

Tendo isso em mente, convidamos quem nos lê a percorrer uma trajetória que tem como ponto inicial uma contextualização sobre o ponto de vista que se adota no que tange à História, bem como seu entrelaçamento com a Linguística, respondendo, assim, a primeira questão. Em um segundo momento, busca-se definir o que fazem a HL e HIL, bem como a relação entre ambas. Por fim, busca-se mostrar quais são as diferenças entre HL e HIL, tendo como foco uma nova reflexão sobre esses termos.

1 HISTÓRIA E LINGUÍSTICA: UMA RELAÇÃO TRANS

Durante algum tempo, a Linguística esteve como mestra nas ciências humanas, difundindo e impondo seus modelos e sua teoria do signo. A história estava em posição secundária, não sendo vista como possível de ser ciência, definindo-se ainda por problemas apenas ideológicos. Entretanto, Mounin (1975, p. 15-16) já criticava esse uso como sendo de moda e dizia: "preferíamos que se utilizasse profunda mais solidamente a Linguística e que se precisassem bem as zonas em que ela se aplica" (apud PETRÓ, 2007, p. 27). Com o passar do tempo, a partir do século XIX até o presente momento, é sabido que muitas foram as transformações ocorridas na ciência, na tecnologia e no comportamento humano, bem como nos campos das ciências. E, pelo menos no último século, a História enquanto campo passou por diversas mudanças, como, por exemplo:

Alguns domínios surgem e desaparecem ao sabor das modas historiográficas – motivados por eventos sociais e políticos, ou mesmo por ditames editoriais e tendências de mercado. Outros surgem quando para eles se mostra preparada a sociedade na qual se insere a comunidade de historiadores [...]. (BARROS, 2004, p. 202)

Dito isso, podemos inferir que, de certa forma, em sentido amplo, a História estuda as ações dos seres humanos no decorrer do tempo e a

Linguística se ocupa da linguagem humana com base em observações e teorias. Embora seus objetos de estudo sejam diferentes, ambas podem se complementar a partir do ponto de vista de que sua aproximação revela que:

a História, hoje, mais que arrolar datas e fatos, procura discutir novos objetivos; atitudes perante a vida e a morte, crenças, comportamentos, religiões etc. e a Linguística que, grosso modo, estuda o meio essencial da comunicação humana, a linguagem. (FÁVERO; MOLINA, 2004, p. 132)

Ainda nesse sentido, podemos afirmar que a relação entre História e Linguística leva a uma ampliação desses dois campos do conhecimento, com possíveis desdobramentos em subáreas — o que será discutido adiante —, como HL e HIL. Por enquanto, o que se pode dizer é que há um movimento circular nessa relação. Desse modo, cada um desses campos precisa um do outro em certa medida: a Linguística estuda a linguagem humana, seja ela verbal ou não verbal, e é via linguagem que há comunicação entre os seres humanos - comunicação essa que permite a criação de hábitos, crenças e formações culturais diferentes, que poderão ser passadas e perpetuadas pela História. Com isso, é possível estabelecer uma relação simbiótica entre os dois campos. E é esse entrelaçamento que resulta em um conhecimento com duas características: singular e transdisciplinar. No que se refere ao singular, é possível pensar como sendo histórico, pois:

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão, assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (AUROUX, 1992, p. 11-12)

Vale ressaltar que, por conhecimento transdisciplinar desse entrelaçamento, entende-se o que está ao mesmo tempo entre esses campos, através desses campos e além deles, tendo em mente que seu objetivo primordial é compreender o mundo presente e sua finalidade é alcançar a unidade do conhecimento. De acordo com Nicolescu, o termo transdisciplinaridade foi utilizado pela primeira vez por Piaget em uma conferência do congresso sobre interdisciplinaridade, realizado em 1970, na Universidade de Nice, França. Piaget, ao defini-lo, afirma que:

[...] à etapa das relações interdisciplinares, podemos esperar ver sucedê-la uma etapa superior que seria “transdisciplinar”, que não se contentaria em encontrar interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteira estável entre essas disciplinas. (PIAGET, 1970, apud SOMMERMAN, 2012, p. 397)

Tendo adotado esse direcionamento epistemológico de natureza transdisciplinar, a Linguística acompanha essa nova maneira de produzir conhecimento, pois, quando o linguista, “face à situação de pesquisa em que se apresenta, e que tem a linguagem em sua base, olha para as disciplinas múltiplas que tem à sua volta e através delas vai além do âmbito de cada uma em particular” (CELANI, 1998, p. 120.).

Sendo assim, além de simbiótica, pode-se entender essa relação como transdisciplinar e muito produtiva também nas esferas teórica e prática, tanto dos estudos da História quanto nos de Linguagem, emergindo, assim, a necessidade investigativa de novos temas (cultura, tecnologia, saúde, por exemplo) e interseccionar novos campos (computação, psicologia, neurociência, entre outros). Portanto, acredita-se que os estudos a partir do século XXI estão cada vez mais inclinados a construir novos saberes e concepções, tendo em vista a transdisciplinaridade entre os campos.

Assim, origina-se uma nova concepção de Linguística e uma nova concepção de História, pautada em ações como o alargamento em relação à noção de sociedade, história, sujeito e cultura. Essa nova concepção vem saciar o desejo de se construir um conhecimento entre História e Linguística que esteja ao alcance de todas as esferas das atividades humanas e o imbricamento com outras áreas, em oposição a: i) uma Linguística "tradicional", que durante muito tempo manteve suas discussões encasteladas

na academia e ii) uma História "tradicional", que se baseia apenas em fontes documentais e na descrição de eventos.

2. FAZER(ES) DA(S) LINGUÍSTICA(S)

2.1. ANTOLOGIAS: LINGUÍSTICA HISTÓRICA, HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA E HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Tendo posto a relação entre Linguística e História e incitado novos possíveis caminhos acerca desse entrelaçamento, é chegada a hora de responder à segunda pergunta proposta neste squib, que pertinentemente também une esses dois campos: o que significa fazer Historiografia Linguística? Ao tentar responder essa pergunta, é provável deparar-se com investigações levadas a cabo pelos estudos de história e historiografia da Linguística, com um olhar capaz de apreender a historicidade dos conceitos e atitudes que dão forma aos saberes linguísticos.

Antes de passarmos à explicação sobre o campo da Historiografia Linguística, é preciso deixar claro que o termo supracitado não se mistura com Linguística Histórica e História da Linguística. Nesse viés, para melhor compreensão, definimos, de acordo com Silva (2008), a Linguística Histórica como o campo da Linguística que trata de interpretar mudanças (fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais) ao longo do tempo, em que uma língua ou uma família de línguas é utilizada por seus utentes em determinado espaço.

Assim, enquanto a Linguística Histórica ocupa-se em estudar as mudanças de uma língua ou família de línguas ao longo do tempo histórico, a História da Linguística segundo Batista (2013), não constitui propriamente uma linha de pesquisa ou campo, com fundamentos e métodos específicos:

Em relação à denominação História da Linguística, considera-se que, antes de propostas orientadas teórica e metodologicamente para a interpretação dos desenvolvimentos históricos de estudos sobre a linguagem, diferentes linguistas e mesmo filólogos e gramáticos escreveram panoramas extensivos sobre os trabalhos que investigam, em diferentes recortes temporais, a linguagem. (BATISTA, 2013, p. 19)

Dito isso, podemos adentrar o campo da Historiografia Linguística. Swiggers (2010) reflete sobre a Historiografia Linguística e a define como:

[...] o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares (cujo impacto pode ser ‘positivo’, i.e. estimulante, ou ‘negativo’, i.e. inibidores ou desestimulantes), de como o conhecimento linguístico, ou mais genericamente, o know-how linguístico foi obtido e implementado. (SWIGGERS, 2010, p. 2)

Já Koerner (1996) entende a Historiografia Linguística como trabalhos que visam a descrever e interpretar eventos da história da ciência Linguística seguindo uma série de princípios metodológicos. De acordo com Neto (2005), Koerner identificou três tipos gerais de história em ciências da linguagem. Focamos aqui no terceiro tipo, que é caracterizado por Koerner (1996) como:

o ideal desejável a ser buscado pela historiografia da linguística contemporânea, não visa nem a defesa de um paradigma particular, nem a reivindicação de uma revolução científica no interior da disciplina. Trata-se da tentativa desinteressada de estabelecer, *sine-ira-et-studio*, o conjunto de fatos historicamente pertinentes na cronologia da disciplina, a partir de um conjunto de princípios pré-estabelecidos. (KOERNER, 1996, p. 9)

Entende-se esse tipo de história, de acordo com Koerner, como uma História “desinteressada”, que procura estabelecer o passado tal como ele foi. É uma história que se pretende “isenta” e “objetiva”, na medida em que não se sente presa a questões do presente (não pretende defender nem atacar posições teóricas do presente). Em outras palavras, entendemos que esse fazer da História da Linguística estaria associado à História da Linguística enquanto ciência da linguagem, tratando seus fatos enquanto ciência e não abordando teorias de possíveis ideias dos estudiosos da área.

2.2. HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS

Passamos à terceira questão: o que é fazer História das Ideias Linguísticas? Antes de abordar a discussão na busca de uma resposta para essa pergunta, é pertinente conceitualizar para a pessoa que está lendo o que entende-se neste trabalho por ideia Linguística. Define-se ideia Linguística como todo saber

construído em torno de uma língua, seja como produto de uma reflexão metalinguística, seja como atividade metalinguística explícita ou implícita. Destarte, estudar ideias Linguísticas vincula-se a: “difundir estudos sistemáticos que toquem a questão da história do conhecimento linguístico e da história da língua, articuladamente, explorando novas tecnologias de pesquisas” (ORLANDI, 2001, p. 9) e, também, à “produção da informação sobre o sistema científico constituído pelas ciências da linguagem” (AUROUX apud COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 18). Ainda nesse viés, é importante ressaltar que a HIL possui forte vínculo com a AD (Análise do Discurso). Isso, de acordo com Batista (2013):

procura articular o saber histórico e sua interpretação aos procedimentos da análise de discurso de linha francesa, tendo em vista investigar a constituição histórica de um sujeito da linguagem, de suas imagens simbólicas e discursivas engendradas e dos instrumentos linguísticos a essas imagens também associados. (BATISTA, 2013, p. 19)

Tendo estabelecido o que são ideias Linguísticas, é hora de começar a responder à terceira pergunta proposta neste squib: o que é fazer HIL? Para isso, recorreremos a Auroux (1992) quando argumenta que a HIL lança uma forte crítica ao mito da cientificidade expandido pela historiografia das ciências da linguagem no século XIX. Segundo o mesmo autor, os estudos sobre a linguagem só seriam verdadeiramente científicos a partir do comparativismo, pois ele procura compreender o apagamento de um saber metalinguístico mesmo antes da instituição da Linguística. Nesse sentido, Auroux (1989) argumenta que o historiador deve recusar a tentação de dizer de forma normativa qual deveria ser o estatuto científico da Linguística. Para o autor (2007), uma primeira tarefa intelectual de quem faz HIL é refutar a representação da ciência como um discurso desnudado de referência temporal, com a história servindo como uma simples modalidade de argumentação, e, assim, romper com a atemporalidade nos estudos da linguagem.

É nesse sentido que, ao trabalhar com as temporalidades que constituem as ideias Linguísticas, a HIL acaba por dar ênfase ao longo prazo, ainda que pontue revoluções técnicas que contribuem com a transformação, paradigmaticamente mais ou menos parcial, das ideias Linguísticas: a invenção da escrita, a invenção dos instrumentos linguísticos, a invenção da internet etc. E é assim que a HIL se desloca de outras tendências

Linguísticas, epistemológicas e de filosofia da linguagem que vão identificando ruptura após ruptura no pensamento linguístico.

3 RELAÇÃO ENTRE HL E HIL

Trabalhar com HIL é, segundo sintetizam Colombat, Fournier e Puech (2017), explorar os textos, inclusive aqueles muitas vezes esquecidos, a fim de criar as condições para uma reflexão informada sobre a epistemologia das ciências da linguagem por meio da produção de informações sobre as teorias antigas, os conhecimentos que elas produziram e os conceitos que elas elaboraram, sobre a forma como os problemas foram postos e concebidos e sobre problemas mais gerais e mais fundamentais. As possíveis concepções que gramáticos e linguistas tiveram do seu objeto em vários momentos, a forma como foram tomados e concebidos os fatos e os dados, bem como as regras e/ou as leis que os organizam, ou ainda como foram distinguidos o possível e o impossível de língua, o que se pode dizer e o que não se pode dizer, ou também como foram definidas as condições de validação das descrições.

No entanto, Pfeiffer (2002) mostra que os textos analisados não devem ser encarados como documentos que refletem ideologias e escondem sentidos que precisam ser achados, mas como parte da construção dos sentidos na história. Para Orlandi (2001), a especificidade da HIL está no trabalho com a história do pensamento sobre a linguagem antes mesmo da instalação da Linguística e, sobretudo, a partir de um olhar interno à ciência da linguagem:

Fazer história das ideias nos permite: de um lado, trabalhar com a história do pensamento sobre a linguagem no Brasil mesmo antes da Linguística se instalar em sua forma definitiva; de outro, podemos trabalhar a especificidade de um olhar interno à ciência da linguagem tomando posição a partir de nossos compromissos, nossa posição de estudiosos especialistas em linguagem. Isto significa que não tomamos o olhar externo, o do historiador, mas falamos como especialistas de linguagem a propósito da história do conhecimento sobre a linguagem. Não se trata de uma história da Linguística externa, o que poderia ser feito por um historiador da ciência simplesmente. Trata-se de uma história feita por especialistas da área e, portanto, capazes de avaliar teoricamente as diferentes filiações

teóricas e suas consequências para a compreensão do seu próprio objeto, ou seja, a língua. (ORLANDI, 2001, p. 16)

Diferente da HIL, a HL vai estudar os problemas de ordem Linguística, histórica e literária. Assim, há estudos que abordam determinados momentos da existência da língua; outros que tratam da relação desses momentos com história do homem, do povo, da nação etc.; outros, por sua vez, têm-se debruçado sobre textos literários, tomados como documentos capazes de revelar a língua, o homem e sua história. Em outras palavras, a HL é o modo de escrever a história do saber linguístico, tendo como objetivo descrever/explicar como ele se desenvolveu em um determinado contexto. A afirmação de Altman (2004), a seguir, reforça essa compreensão:

E, se uma das tarefas da historiografia é (re)estabelecer os pressupostos (nem sempre conscientes) que os linguistas do passado trouxeram para suas práticas, bem como as consequências das suas proposições para o desenvolvimento do conhecimento que produzimos sobre a linguagem e as línguas, a investigação sistemática das condições passadas de produção e recepção do conhecimento linguístico é um passo importante para nosso melhor entendimento dos traços constitutivos da(s) ciência(s) da linguagem contemporânea(s), e das suas metodologias. (ALTMAN, 2004, p. 27-28)

A partir desses pontos de vista, argumenta-se que fazer HL é estudar a Linguística olhando para um produto acabado dentro de um recorte no tempo. Já estudar a HIL é refletir sobre as ciências da linguagem de forma interna, o olhar do campo que advém de pessoas do próprio campo sobre ideias e teorias que surgiram e, de certa forma, ainda estão emergindo e que são (ou não) transversais aos estudos linguísticos.

4 PALAVRAS (NEM TÃO) FINAIS

Bom, é chegada a hora de encaminhar este texto para o final. E podemos começar dizendo que a HIL contribui para a melhor compreensão do que hoje se produz e estuda a respeito das teorias e da própria Linguística em si. Afinal, ela é também um projeto de pesquisa que constrói um domínio investigativo da história e epistemologia das ciências da linguagem como um

setor autônomo da história e da filosofia das ciências (AUROUX, 1992). Já a HL ocupa-se de uma posição teórica que procura produzir conhecimento sobre a linguagem por meio da reflexão sobre o modo como saberes sobre ela são historicamente produzidos.

Com isso, buscou-se neste trabalho mostrar que entre essas duas grandes produções científicas, apesar das diferenças no modo de conduzir trabalhos, não são verificadas oposições ou disputas teóricas. Entretanto, fazer HL e fazer HIL evocam conhecimentos e reflexões distintas sobre História e Linguística. É a partir dessa ideia podendo ou não ser desenvolvida, que se irão prospectar possíveis formas de, no futuro, buscar análises que corroborem essas diferenças, tanto no fazer dos próprios campos, quanto nas exposições em/de disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação no país.

REFERÊNCIAS

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. **Histoire des idées linguistiques: la naissance des métalangages en orient et en occident**. Tome 1, Lièges / Bruxelles: Mardaga, 1989.

AUROUX, Sylvain. Les avancées de notre discipline. In: GUIMARÃES, Eduardo; BARROS, D. L. P. de (Eds.). **History of Linguistics 2002**. Amsterdam: Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 223-234.

BARROS, J. **História das Ideia** – em torno de um domínio historiográfico. Locus: Revista de história, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 199-209, 2007.

BATISTA, R. **Introdução à Historiografia da Linguística**. São Paulo, SP: Cortez, 2013.

BENVENISTE, É. A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006[1974], p. 220-244.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística aplicada no Brasil, In. Signorini & Cavalcanti (orgs.) **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado das Letras, p.115-126, 1998.

COLOMBAT, B; FOURNIER, J; PUECH, C. **Uma história das ideias Linguísticas**. São Paulo: Contexto, 2017.

FÁVERO, L; MOLINA, M. **História das Ideias Linguísticas**: origem, método e limitações. Revista da Anpoll, volume 1, nº 16, 2004.

KOERNER, E. F. K. **Questões que persistem em Historiografia Linguística**. Trad. De Cristina Altman do orig. inglês “Persistent Issues in Linguistic Historiography.” *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. 1995 ANPOOL. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística 2. 1996. p. 45-70.

MOUNIN, G. **Os problemas teóricos da tradução**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975[1967].

NETO, J. **História da linguística no Brasil**: Estudos Linguísticos. XXXIV, p. 4-13, 2005. [13/13].

ORLANDI, E. **História das ideias Linguísticas**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. São Paulo: Pontes, 2001.

PETRÓ, C. As relações entre história e linguística a partir de Robin. **Fragmentum**, n.13. Laboratório Corpus: UFSM, 2007.

PFEIFFER, C. Sentidos para sujeito e língua nacionais. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 7, p. 71-93, 2002.

SILVA, R. **Caminhos da Linguística histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOMMERMAN, A. **A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade como novas formas de conhecimento para a articulação de saberes no contexto da ciência e do conhecimento em geral**: contribuição para os campos da educação, da saúde e do meio ambiente. Salvador, 2012.

SWIGGERS, P. 2010. History and Historiography of Linguistics: Status, Standards and Standing. Eutomia. **Revista Online de Literatura e**

Linguística. 3/2. [http://www. revistaeutomia.com.br/eutomia-ano3-volume2-destaques.html](http://www.revistaeutomia.com.br/eutomia-ano3-volume2-destaques.html)